

“A FUMAÇA A GENTE JÁ SE ACOSTUMOU”: ETNOGRAFIA DA CIDADE DE CANDIOTA/RS

ROSILENE OLIVEIRA SILVA; ANA LÚCIA COSTA DE OLIVEIRA;
FLÁVIA MARIA SILVA RIETH

¹Universidade Federal de Pelotas- rosilenesilva87@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas-lucostoli@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas-riethuf@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresento os trajetos e resultados preliminares da pesquisa sobre a relação das “famílias eletricitárias” com a Usina Termoelétrica Presidente Médici na cidade de Candiota. Esta etnografia se fundamenta na interlocução com trabalhadores/as, eletricitários/as, aposentados/as e suas famílias para compreender as práticas cotidianas, que constituem o fazer-cidade (AGIER, 2011), em especial nas Vilas Residencial e Operária. (ECKERT e ROCHA, 2011).

Candiota está localizada no sudoeste do Estado do Rio Grande do Sul próximo à fronteira com o Uruguai, é uma região conhecida como Campanha Gaúcha e a paisagem regional é marcada pelas características do Bioma Pampa. O espaço urbano em Candiota constituiu-se a partir da implantação do Complexo da Usina Termelétrica Presidente Médici (1970), que gera energia elétrica pela queima de carvão mineral. A implantação do complexo das usinas ocorreu em três fases e originou uma cidade polinucleada formada por vários bairros, distantes entre eles de 5 a 20 Km.

Segundo Dal Molin (1994) a ocupação atual de Candiota se deu a partir de 1800, com implantação das Estâncias e a atividade pecuária no pampa. Durante o século XX, a economia passou por um processo de diversificação que abrangeu como destaque a pecuária, a agricultura, a mineração e a produção de energia. O município desenvolve a atividade carbonífera, com a exploração do carvão mineral nas minas de Candiota e do Seival

Penso a relação da cidade com a Usina, a partir das reflexões de José Sérgio Leite Lopes (2006) que discute a ambientalização dos conflitos sociais, como um novo fenômeno e novas perspectivas de um processo. Assim os termos de industrialização ou proletarização [...] foram indicativos de novos fenômenos no século XIX [...] (LEITE 2006, p.34). Ao interpretar os conflitos sociais [...] o autor situa a originalidade dos conflitos em forma de linguagem empregados, na inculcação de novo domínio do ambiente [...] entre diferentes desiguais relativamente aos meios e aos efeitos de poluição (LEITE 2006, p.38). Observa-se que a população de Candiota convive diariamente com a poluição resultado das atividades da Usina, situação que transparece por intermédio do incômodo causado pela sujeira do pó do minério de carvão nas residências. Entretanto, tem-se o silenciamento dos danos ambientais na região e o quanto a poluição afeta a vida dos moradores do lugar (LOPES, 2006 e KOPENAWA e ALBERT, 2015) como se estes já “estivessem acostumados com a fumaça”.

2. METODOLOGIA

Os dados etnográficos apresentados são resultantes das idas a campo, realizadas, de março a junho de 2019 e, de janeiro e fevereiro em 2020. Durante o primeiro período em campo, no primeiro semestre de 2019, foram realizadas caminhadas (INGOLD, 2015) pela cidade, ação do projeto Planejamento Urbano do curso de Arquitetura e Urbanismo Faurb/UFPEL, na cidade de

Candiota. Tomando o contraponto do dédalo-labirinto (Tim Ingold, 2015), para pensar a atividade de caminhar no modo-labirinto, a caminhada não possui uma visão de comando, nem um vislumbre do seu fim, o que vai exigir do seu caminhante um estado contínuo de atenção e alerta para todos os elementos presentes no percurso. O caminhar e as imagens provocam outros encontros não previstos, que o deslocamento, quase sempre experimenta outros deslocamentos durante a pesquisa. O caminho e suas feições foi escolhido para essa partilha, indicando um percurso espaço-temporal na cidade de Candiota.

Ao refletir sobre o modo como a cidade de Candiota é vivenciada e a forma como acontecem as relações desta com a Usina, deslocamos o ponto de vista para os cidadãos, remetendo a uma antropologia da cidade no sentido de uma experiência localizada de descoberta e conhecimento.” (AGIER, 2011, p. 35). A cidade de Candiota “vvida, sentida e em processo” é um lugar feito pelos seus cidadãos atentando para a pergunta sobre o que faz a cidade.”

A etnografia não é método; toda a etnografia é também teoria [...] se é boa etnografia, será também contribuição teórica.” (PEIRANO, p.383, 2014). O método escolhido é a observação participante (FOOTE-WHYTE, 1975) e, a partir das caminhadas, conjuga-se com a proposta da observação flutuante (PÉTONNET, 2008). Em que busquei me inserir no cotidiano urbano destas famílias eletricitárias e participar mais ativamente do cotidiano, registrando as situações etnográficas nos cadernos de campo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O local escolhido para o trabalho de campo são as Vilas Residencial e Operária, tais núcleos têm a finalidade de serem moradias para os engenheiros e técnicos que se deslocaram para a região para trabalhar na Usina.

No núcleo urbano da Vila Residencial as moradias são divididas de forma hierárquica e está distribuído em duas longas avenidas, ao todo são 11 ruas e 200 casas. No alto da colina, as construções destinadas às famílias dos engenheiros; no platô médio, as casas das famílias dos técnicos, e na base, as casas tipo geminadas, as casas de madeira destinadas aos operários. Dentro das Vilas Residencial e Operária, poderiam ocorrer diferentes tipos de habitação, destinados aos diferentes cargos dentro da Usina, mas todas seguiam critérios de padronização, abrangiam diferentes tamanhos de conjuntos, que iam desde pequenas casas para os solteiros, até casas maiores para os casados.

Já a Vila Operária foi construída no outro lado da BR 293, mais afastada do complexo das usinas. Trata-se de uma pequena aglomeração, composta por uma série de casas de pequeno porte, para os funcionários da obra Usina Estadual de Energia Elétrica e os franceses que vieram trabalhar na obra da Fase B, na década de 1980. O núcleo é distribuído em uma longa Avenida, são 16 ruas e 120 casas, onde, no início, residiam aqueles trabalhadores dos escalões mais inferiores: carpinteiros e pedreiros e mestres de obra. As moradias também são divididas de forma hierárquica, assim como na Vila Residencial

As paisagens atuais das Vilas Residencial e Operária são compostas por prédios de variados estilos arquitetônicos, muitos deles identificados com o ano de construção. Os prédios industriais já foram pujantes na cidade, atualmente amargam uma realidade de abandono. A Vila Residencial pertence à Estatal, “os prédios e casas são da CEEE e o terrenos da Viação Férrea” (Diário Gráfico, maio de 2020).

Em razão da proximidade da Vila Residencial com a Usina, por causa das cinzas de carvão que vem pelo ar, às donas de casa por vezes não conseguem estender as roupas no varal. E, varrer a frente da casa para limpar a fuligem na

calçada é atividade cotidiana. Por volta das 08h30, percebo o movimento das donas de casa, varrendo a calçada, colocando o lixo de casa na lixeira da rua, cumprimentando os vizinhos. Na narrativa da ex-moradora de Candiota, Cleusa aposentada, eletricitária e filha de aposentado, eletricitário residente da cidade de Bagé: *“Muita cinza caía, tapava tudo, não dava para enxergar nada, quando a cinza virava, aproveitamos para limpar a casa* (Diário de campo, 2020).

Para Heloísa, moradora da sede do município, *“a fumaça já incomodou sim, mas hoje com novas tecnologias, os chineses estão investindo em filtros, a fumaça hoje é branca. O que incomoda é o cheiro do lixão. Quando o vento está em direção ao Uruguai é horrível o fedor do lixão¹. A fumaça incomoda o “homem” que mora no campo”* (Diário de campo, janeiro de 2020). Quando a fumaça está em direção, aos assentamentos, Nossa Senhora Aparecida, Passo do Tigre, São José. O aterro sanitário de Candiota fica em uma área já minerada da Companhia Riograndense de Mineração. O local recebe lixo produzido de 28 municípios (Diário de Campo, 2020).

Já, conforme Sr. Gilberto, aposentado eletricitário, residente da cidade de Bagé, *“A Vila Operária foi construída de forma planejada, foi feita através de um estudo dos ventos, por isso ela ficou tão longe da usina, hoje não temos problemas de poluição, o meio ambiente é rigoroso com a fiscalização e há outras ferramentas que evitam a dispersão de cinza pela chaminé, mas teve uma época que não tinha tanto rigor nas leis ambientais e a vila residencial era prejudicada pela cinza, então resolveram ampliar a usina para Fase B, que teve a necessidade de construir outro núcleo operário longe da poluição da usina”* (Caderno de campo, março de 2019).

O que mais chama a atenção quando se está em Candiota e a chaminé da usina que contrasta entre a área verde dos campos no entorno da cidade, a chaminé exala fumaça branca, e com a presença de fortes odores no ar. Os pequenos jardins situados na Vilas em torno das edificações e as pinturas de suas paredes em tons vivos não são suficientes para amenizar a cor acinzentada predominante na paisagem.

4. CONCLUSÕES

Os ciclos industriais ocorridos na região do Bioma pampa, na cidade de Candiota, aceleraram a urbanização e o crescimento populacional na região, alterando a paisagem local. A urbanização dispersa é provocada por diversos atratores que determinam a ocupação do território, sendo eles, as usinas, as indústrias, serviços e comércios, fruto dos processos econômicos. Em relação às repercussões urbanas, verificou-se que a história da cidade está marcada pela atividade carbonífera. Da formação da cidade resultou uma configuração territorial polinucleada com diversos núcleos urbanos, três deles estruturados em função da atividade de mineração, no caso o Dario Lassance, a Companhia Riograndense de Mineração e as Vilas Residencial e Operária, a Usina Termelétrica Presidente Médici. A atividade industrial possibilitou uma concentração populacional rápida e constante durante o século XX. As Vilas Residencial e Operária tiveram seu momento de expansão nos anos 1960-1990.

Em razão da relação da cidade com a Usina, do controle desta sobre a vida dos trabalhadores e trabalhadoras e suas famílias se observa no cotidiano das

¹ Aterro Sanitário em Candiota, tem como objetivo gerar energia, considerado resíduo do lixo. Por dia chegam ao local 700 toneladas de novos resíduos para tratamento. (Diário de campo, 2019).

Vilas Operárias e Residencial. Uma realidade que é pactuada entre os moradores e a Usina. As informações sobre os riscos da poluição para a saúde ou para o meio ambiente não são mencionados. O silenciamento da população das Vilas se dá por não quererem se comprometer, se expor, devido a sua ligação direta ou indireta com o setor energético. Assim, os moradores das Vilas Residencial e Operária não falam da poluição e, os trabalhadores (as) mais qualificados que trabalham diretamente com a atividade carbonífera não residem em Candiota.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos**. Tradução de Graça Índias Cordeiro. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011. p. 31- 44, 89 -116, 125-182.
- DAL MOLIN, Naiara. **Candiota: Origem e História**. Porto Alegre. Tchê!, 1994.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana L. C. da. **Etnografia da Duração nas Cidades em suas consolidações Temporais**. In: Política e trabalho : revista de ciências sociais. João Pessoa, PB. N. 34 (abr. 2011), p. 107-126
- FOOTE-WHYTE, William. **Treinando a observação participante**. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- INGOLD, Tim. **O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 21-36, 2015.
- KOPENAWA, D; ALBERT. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Trad. Beatriz P. Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LOPES, José S. L. **Sobre os processos de “ambientalização” dos conflitos e sobre dilemas de participação**. Horizontes Antropológicos, v. 12, n. 25, p. 31-64, 2006.
- PEIRANO, Mariza. 1992. **A favor da etnografia**. Série Antropologia 130. Brasília: UnB. Disponível em <<http://goo.gl/Z8171z>>. Acesso: 20/08/2020.
- PÉTONNET, C. A observação flutuante: exemplo de um cemitério parisiense. 1982. Traduzido por Soraya Silveira Simões. **Antropolítica**, n. 25, p. 99-111, 2008.